

Editorial

O Brasil é um país de dimensões continentais, no entanto, milagrosamente, quinhentos anos depois da chegada dos portugueses, continua uno. Uno e plural, como nos ensina Gilberto Freyre. Portanto, depreende-se dos ensinamentos do mestre pernambucano, existem vários modos de se ser brasileiro, embora tenhamos cimentos imaginários que nos unem: a língua portuguesa é um; a religiosidade, outra. Sem contar gostos comuns que se espalham por todo o país, como o churrasco, que mesmo sendo marca registrada dos gaúchos, espalhou-se por todo o país e virou quase uma instituição dos domingos. A pizza, antes tão italiana e mais consumida em São Paulo, também virou instituição nacional, abraçou-se, adaptando-se às regiões – veja-se o caso de pizza de carne de sol que se vê nos cardápios de pizzarias no nordeste.

Portanto, choca-nos quando vemos alguns movimentos separatistas que, vez por outra, surgem em nosso país. Há uma crença de que o Sul e o Sudeste trabalham para sustentar o resto do país, que a riqueza produzida no Brasil vem toda dessas regiões. Esquecem-se de que até meados do século XIX era a região nordeste a mais rica e que exportava riqueza para o resto do país e para o exterior. Com o declínio da monocultura da cana-de-açúcar e da escravidão, o nordeste foi ficando para trás e o desenvolvimento transferiu-se para o sudeste e o sul, em especial São Paulo, com a chegada de migrantes europeus, sobretudo italianos. Não nos esqueçamos de que a região norte também teve seu período de riqueza, com a produção da borracha até pelo menos o início do século XX e São Luís também conheceu longos períodos de riquezas, comprovado em sua arquitetura colonial portuguesa, com muitos sobrados coloniais exuberantes existentes até hoje, como testemunhos de um tempo de muita ostentação, pelo menos para os comerciantes, proprietários de escravos e depois industriais do ramo do algodão, arroz e outros.

Se temos uma história tão rica, tão diversificada, se ocorreram movimentos nativistas em todas as regiões do país, justamente para nos tornarmos livres de Portugal, da Holanda, da França – não tem sentido

querer-se separar o país, dividi-lo em dois, sobretudo se pensarmos que nossas raízes mais profundas, aquelas que estão para além de herança genética como herança cultural, vêm de negros, índios e europeus – hoje presentes em todo o território nacional.

Neste número, alguns artigos apontam essa perspectiva ao tratarem de temas relevantes nesse contexto, a exemplo dos novos movimentos de libertação e visibilidade social, como o movimento negro e a consideração da sexualidade e do gênero no currículo.

Importante lembrar que as pesquisas acadêmicas, em especial, oriundas de programas de pós-graduação em Educação, voltam-se cada vez mais para essa perspectiva, democratizando o acesso a informação de qualidade, através de trabalhos como os presentes neste número, como se mencionou antes.

Enfim, uma das funções da educação, sobretudo nas escolas de ensino fundamental e médio, é ensinar às nossas crianças e jovens que nossa riqueza maior está exatamente nessa diversidade de modos de ser brasileiro, o que nos torna únicos no mundo: como nossos tons “degradês” de pele e de almas, um tanto índios, um tanto negros, um tanto europeus e mais recentemente um tanto orientais. Esse é o Brasil, da pluralidade e da unidade nacionais. Curiosamente temos vários brasis dentro de um único Brasil.

João de Deus Vieira Barros

Doutor em Educação

Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMA.